TONI VENTURI

Entrevista: Mariana Ramos e Rafael de Paula

Transcrição: Paulo Batista

Toni Venturi é um diretor e produtor de cinema, é graduado em Cinema pela USP e Artes Fotográficas pela University Of Ryerson, no Canadá. Seu trabalho possui títulos premiados, tais como “Latitude Zero”, “Cabra-cega”, “No Olho do Furacão”, “Estamos Juntos” e “Dia de Festa”. Suas produções possuem a recorrente temática de movimentos sociais e a ditadura civil-militar brasileira.

REVISTA CINESTESIA: De que maneira você acredita que a temática do subdesenvolvimento e da dependência está presente em suas obras?

TONI VENTURI: A nossa história, do ponto de vista da América Latina, tem muitos pontos em comum e de alguma forma o meu cinema está falando desse novo continente, desse continente que procura sua identidade, desse continente sempre surpreendido as vontades do Império, anteriormente à Europa, Inglaterra, e o domínio do capital holandês, das coroas espanholas e mais recentemente, nos últimos 150 anos, dos Estados Unidos. Se pegar o meu primeiro documentário, “O Velho”, por exemplo, a história do maior líder brasileiro de esquerda do século XX, a gente têm diversos cruzamentos. Posteriormente nós temos o documentário Dia de Festa, e já é um documentário que traz à tona a questão social da moradia. Eu acho que ao trazer a questão dessa população excluída brasileira ou latino-americana a gente está trazendo à história todas as consequências, que são as raízes da nossa desigualdade, do nosso subdesenvolvimento, que tem a ver com toda a espoliação colonial e o governo atual.

R.C.: Em relação ao documentário “Dia de Festa”, que foca na temática da desigualdade, como foi chegar até essa temática da desigualdade social e da moradia, e quais as dificuldades na hora de realizar a obra?

T.V.: A questão do sem teto que hoje é muito conhecida da sociedade, em 2006, quando nós fizemos esse filme ela era muito desconhecida, como toda a história, toda a nossa história. A questão do sem teto era uma questão absolutamente invisibilizada, não era conhecida da sociedade da época e era tratada somente nas páginas policiais, e ela ganha um novo aspecto nos últimos 15 anos quando a sociedade é informada pelos filmes. “Dia de Festa” e “A margem no concreto” são os dois primeiros filmes que trataram a questão do sem teto sob um outro ponto de vista; sob o ponto de vista social, do movimento social que organiza essa luta, para que as pessoas carentes, as pessoas que não tem moradia adquiram sua moradia. Então tem uma importância do ponto de vista da construção de novas narrativas bastante relevante. Ele tem outros aspectos que hoje eu creio que são mais sensíveis a nossa sociedade excludente, nossa sociedade branca, truculenta e violenta, que é um filme de quatro protagonistas negras e mulheres, que hoje é um tema mais presente. Principalmente hoje, hoje é o dia 20 de novembro. Nós estamos celebrando o Dia da Consciência Negra, e é um dia muito importante para todos nós. Eu como branco anti racista, e a gente ter essa consciência, de trazer isso à tona, e é também um aspecto muito legal que eu gosto nesse filme, que lá atrás, 15 anos atrás, trazia essas mulheres como protagonistas de uma história, protagonistas de um movimento. E é um dado importante para que nossa sociedade excludente se

sensibilizasse com essa questão. Hoje, eu acho, os movimentos por moradia são conhecidos pela sociedade um pouco por conta desse esforço do cinema, do audiovisual, das novas gerações que estão atuando, trabalhando em cima dessas questões tão importantes para nossa sociedade.

R.C.: Quais são as dificuldades e qual é o caminho para superar e acessibilizar o cinema para essas pessoas que estão sendo retratadas? Quais são os caminhos para democratizar o acesso à arte?

T.V.: Temos uma enorme luta pela frente, é e vocês que vão ter de cuidar disso. Mas, eu também posso dizer, que eu também quando tinha a idade de vocês e estava na universidade com todos estes projetos, e essa indignação quanto ao status quo. Eu posso dizer que nesses 30 anos de jornada a gente vive um momento diferente, um momento melhor do que já foi. Não estou dizendo que está bom, muito pelo contrário, nós estamos nesse momento num momento de muita resistência para não dar tantos passos para trás. Mas, efetivamente nos últimos 15 anos tivemos enormes avanços porque na época em que eu estudava, estava nesse lugar, não havia nem estas condições, não havia condições de nem de fazer esse chat ao vivo e falando sobre isso; ainda era mais, e muito mais restrito a possibilidade de novas vozes. A invisibilização do pobre, do carente, da população negra, do genocídio presente, hoje, nas ruas era muito maior. Eu não estou fazendo nenhuma apologia para o presente, quero deixar bem claro, mas quero também colocar as coisas em perspectiva do ponto de vista de alguém que viveu, então, a gente tem que celebrar de alguma forma, a construção de novas narrativas. Mas, efetivamente, a gente caminhou, era pior. Hoje, felizmente, a gente têm essa possibilidade de fazer nossas vozes chegarem em nichos, em bolhas. A gente tem como trabalhar nisso, e vocês futuramente vão ter que expandir essas bolhas, implodir essas bolhas, e travarem essa grande luta de poder.

R.C.: Como você vê todo esse movimento reacionário dentro da cultura, os novos padrões da ANCINE (Agência Nacional do Cinema). Como você vê o cinema brasileiro nesses próximos anos com todo esse movimento que está acontecendo na cultura brasileira?

T.V.: Eu vejo com muita preocupação, muita preocupação mesmo. Mas, também digo que esta é uma batalha em suspenso. Eu acho que a luta, e a grande luta ainda está por ser travada nos próximos 24 - 36 meses. A gente está começando a sair de um estado de perplexidade, de um estado de certa paralisia pro entendimento maior sobre que forças são essas, qual é o tamanho das falanges, dos exércitos e começando a reagrupar nossas tropas. Estou falando de um jeito metafórico, porque, primeiro não tenho bola de cristal, e não estou vaticinando ou fazendo nenhuma decisão. Mas, eu acho que essa luta ainda vai ser travada, acho temos força suficientemente para conter, porque muito disso é fake News, tem muita propaganda, esses grupelhos de extrema direita sim são toscos, são violentos, são ultra moralistas, mas eles são uma parcela pequena da nossa sociedade. Da mesma forma que nós no outro canto, esse campo mais progressista também é uma parcela do campo oposto minoritária. A gente não pode perder a ANCINE, não pode deixar a ANCINE ser dominada pelas diretrizes, sejam elas moralistas-fundamentalistas, o que for, o Brasil é um país laico. Tem como enfrentar isso na justiça, tem como enfrentar isso todos juntos, e eu posso dizer que estamos sim, atuando para salvar as principais conquistas. Vamos ultrapassar essa borrasca, eu vejo lá a frente luz. Eu tenho andado muito pelo Brasil, tem uma geração jovem, muito ciente do que está acontecendo. A nossa juventude é progressista, a

nossa juventude quer um Brasil mais igual, a nossa juventude quer um Brasil mais justo, então, eu vejo com otimismo, tem que atravessar essa tempestade, enfrentar a extrema direita com altivez.

R.C.: Há uma reação com filmes como "Bacurau", "Marighela", de documentários como "Espero Tua Revolta". Você acha que esse é um sintoma que nós temos condições de reagir?

T.V.: Acho sim. Acho não só esses exemplos como muitos outros documentários que estarão prontos em 2020 ou ainda em 2019, no final desse ano. O que vai acontecer, do ponto de vista da questão mais técnica, é que vai ter uma diminuição da produção porque tudo que a gente faz no audiovisual demora de 3 a 4 anos. Então, essas produções ainda são resultado da antiga política, dessa política aberta, mais democrática, que está procurando inclusão. O cinema é um oficio de arco muito longo, então, nós ainda vamos sentir a queda de produção, vai ser sentida em 2020, mas principalmente em 2021 vamos ter uma caída. Por isso, temos que lutar agora, o embate vai acontecer nos próximos 24 meses para que não haja essa parada.

R.C.: Você acredita que esse viés entreguista do atual governo reforça a dependência da arte nacional, do cinema nacional em relação a mercados dominadores, principalmente o norte-americano?

T.V.: Sem dúvida, não tem como dizer não. Do ponto de vista do audiovisual, o cinema nacional ocupa um nicho de 15%, nos bons anos 20%. A grande massa da produção audiovisual é americana, temos um outro nicho de produção diversificada dos países europeus, mas que é só consumida por uma elite intelectual brasileira, então, é óbvio que essas políticas entreguistas, pouco nacionalistas reforça um cinema hegemônico. Desde o nascimento do cinema, a medida que se articulou em 1915 - 1930 a indústria de hollywood, e que se tornam poderosíssimos quando saem da segunda guerra mundial como grande nação imperialista do planeta, ela se transforma na atividade hegemônica no mundo todo, eles controlam quase 80% - 85% das telas no mundo ocidental. Eu lamento que o Brasil com todo esse potencial criativo, intelectual e de riquezas naturais, de extensão, terras e população não tenha um projeto de nação própria. Essa luta identitária nossa, que nós fazemos através de filmes, livros, projetos, e essa reflexão sobre nós Brasil, nós brasileiros, que somos dessa nação miscigenada, injusta, infelizmente ainda é restrita a círculos mais intelectualizados ou de resistência.

R.C.: Você acha que essa influência norte americana, esse entreguismo, está sendo traduzido nos currículos universitários do meio artístico? Como você acha que está agora a formação do artista no Brasil?

T.V.: Eu não tenho condições ainda de falar de currículos, de falar de programas de graduação porque eu não tenho essa informação. Mas, eu acho que esses lugares de conhecimento, a universidade brasileira, essas instituições, e uma parcela do próprio capital mais iluminado, que é contra a destruição do meio ambiente. O próprio capital, uma parte dele é contra esse tipo de governo que quer destruir, que quer vender todos os seus recursos naturais, que quer destruir o conhecimento, a pesquisa. Um governo fundamentalista, um governo de quase idade média. Eu acho que nichos ainda são bastiões de resistência, eles não estão tomados. Eu não sei o quanto isso já influenciou os programas de graduação, está mexendo nessas estruturas.

R.C.: Você tem uma formação no Canadá e também está presente em várias premiações e várias mostras de cinema no exterior. Como que é a visão do estrangeiro em relação ao Brasil, ao

cinema brasileiro e latino-americano?

T.V.: Ainda existe resquícios desse olhar exótico sobre nós. Os últimos 15 anos onde trouxemos uma produção mais diversificada, não só aquela mítica glauberiana do sertão. A gente começou a mudar, começaram a olhar o Brasil de uma forma diferente, mas a resquícios sim, desse olhar exótico sobre o Brasil. A gente vinha construindo esse espaço nas telas estrangeiras que ainda é muito pequeno. Mas, há sim um olhar ainda para nós bastante exótico que vinha sendo mudado, que vinha num processo de ganhar uma sofisticação maior. O Brasil antigamente era só Rio de Janeiro, futebol e samba. Hoje, não é mais no exterior, não deixou de ser esses folclores, mas ele ganhou outras amplitudes. Além da violência nas favelas, ele ganha o lugar da classe média, dos filmes que falam, e refletem a nossa classe média, como o "Som ao Redor", "Que horas ela volta?". Paulatinamente havia uma mudança, espero que ela não seja interrompida. "Bacurau", "A Vida Invisível", "Democracia em Vertigem" foram três filmes deste ano que estão fazendo carreira lá fora, além de muitos pequenos em festivais importantes. O cinema chegou num momento muito bom, e encontra essa truculência.

R.C.: Como está o cinema brasileiro em relação ao cinema Argentino, ao cinema chileno? Como você vê essa comparação em relação aos outros cinemas latino-americanos.

T.V.: Não existe um cinema latino-americano. Em termos de cinema latino-americano, podemos falar de quatro cinemas: o mexicano, o colombiano, o argentino e o brasileiro. Os outros existem, e esses quatro países tiveram política cinematográfica estruturada, cada um com a sua especificidade. A Argentina começou a construir uma política estruturante para o cinema nacional 12 anos antes da nós. Em 1990, eles criam o INCAA (Instituto Nacional de Cine y Artes Audiovisuales), equivalente à nossa ANCINE (Agência Nacional do Cinema), de 2001. Anos antes eles criam o INCAA, e é uma população que vinham já de uma integração. Então, políticas estruturantes, a formação de roteiristas, base intelectual e cultural explicam o sucesso do cinema argentino. As pessoas têm que olhar um pouquinho para trás, olhar um pouquinho para as estruturas, para a história de cada um desses países para compreender. A gente é um país que lê muito pouco, um país excludente, que só uma parcela muito pequena da população podia chegar na universidade, e dessa parcela muito pequena 92% eram brancos, da alta classe. Então, tudo isso explica o nosso atraso em relação ao cinema, nossas políticas estruturantes só começam no século XXI com a formação da ANCINE, com cursos de roteiro, cursos de cinema específico. Nós temos um atraso em relação a políticas culturas, educacionais e cinematográficas muito grandes em relação à Argentina. O segundo fator é o linguístico, eles (argentinos) não tem uma barreira de língua porque eles têm a Espanha na Europa. Então, a Espanha é um canal de entrada do cinema latino-americano em geral, mas principalmente o argentino por ter uma indústria nacional na Argentina e outra na Espanha. Nós não temos o equivalente a Portugal, Portugal é um país muito pequeno da Europa, que tem uma presença cinematográfica quase ínfima dentro do mercado audiovisual europeu, isso é uma coisa que nos coloca em desvantagem. Isso para dar duas razões para que a gente entenda o lugar onde estamos, o prestígio. O México também tem uma história super específica, que é mais ligada a estúdios dos anos 50 - 60, por serem fronteira com os americanos teve investimento, e depois os americanos desistiram, então, o próprio cinema mexicano tem os seus investimentos, tem políticas também ligadas a agência de desenvolvimento. A Colômbia eu conheço muito pouco, mas tem uma política de investimentos no

audiovisual. Esses quatro países sempre enfrentam a violência da hegemonia do cinema de Hollywood, que querem dominar o máximo o seu mercado, e esses países se protegem, através de leis, de cotas, políticas indutoras do crescimento da sua própria cinematografia. Todos os países europeus construíram essas políticas do desenvolvimento das suas próprias cinematografias, dos seus próprios audiovisuais, a gente não inventou a roda, ao contrário, nós tivemos a inteligência de pegar o que tinha de melhor para criar essa nova política, e por isso temos de lutar muito para que ela não seja destruída.

R.C.: Você está trabalhando em um documentário sobre a questão da negritude, como está sendo esse trabalho?

T.V.: A questão racial me chamou bastante atenção, eu me fiz uma pergunta: por que a questão racial nunca esteve no centro, no centro do pensamento social brasileiro. Com essa questão começamos a investigar, e a partir disso saiu esse documentário, uma grande pesquisa. Fomos pesquisar personagens e estamos montando um documentário sobre racismo. É um diretor branco com um ponto de vista crítico da branquitude, um ponto de vista onde expõe a ignorância, a insensibilidade da branquitude quanto a questão racial, e traz um pouco da atualidade que estamos vivendo no movimento negro, e questões prementes, essas questões basilares da desigualdade social brasileira. Eu acho que é um filme muito bonito, um filme sensível, colocando a questão racial no centro do debate sociológico, antropológico e político brasileiro. Eu espero estar fazendo uma contribuição para que as pessoas se sensibilizem com isso. Acho que a gente tem que avançar, e que a gente tem que avançar para que isso seja debatido, e as políticas afirmativas e de inclusão sejam expandidas. Para que a gente tenha o mínimo de reparação histórica, que a mulher negra e o homem negro brasileiro merecem.